

A SÍNDROME DE BURNOUT EM PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Fhairus Julielen Valério¹
 Cloves Amorim²
 Ana Maria Moser³

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi comparar a incidência da Síndrome de *Burnout* entre professores de Educação Física e professores de outras disciplinas. Participaram 71 professores. Os instrumentos utilizados foram: o MBI – *Maslach Burnout Inventory* e o ISSL – Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp, aplicados individualmente. Os dados encontrados apontam que 29,3% dos professores de outras disciplinas apresentam a Síndrome de Burnout contra apenas 10% dos professores de Educação Física. Em ambos os grupos estudados a faixa etária mais afetada foi de 31 a 40 anos de idade, indivíduos do sexo feminino e casados (66,7%). Entre professores de Educação Física afetados pela doença, a faixa de experiência profissional ficou entre 5 a 10 anos de profissão e entre professores de outras disciplinas a incidência foi na faixa de 10 a 20 anos de profissão. Os professores de Educação Física apresentam menor incidência da Síndrome de *Burnout* do que professores de outras disciplinas, tal diferença provavelmente possa estar relacionada aos diferentes ambientes de trabalho e a maior realização de atividade física.

Palavras-chave: saúde do trabalhador; professor; saúde do professor; síndrome de Burnout; estresse.

THE BURNOUT SYNDROME IN PHYSICAL EDUCATION TEACHER

ABSTRACT

The aim of this research was to compare the Burnout syndrome incidence among Physical Education teachers and teachers from other subjects. The questionnaires were answered by 71 teachers. The instruments utilized were the MBI - Maslach Burnout Inventory and ISSL – Stress Symptoms Inventory for Adults by Lipp, and answered individually. The data indicates that 29,3% of the other subjects' teachers present the Burnout syndrome, while only 10% of the Physical Education teachers were affected. On both groups studied the most affected age rate was from 31 to 40 years old, especially for female married individuals (66,7%). Among the Physical Education teachers that were affected by the disease, the time of professional experience was between 5 to 10 years, and among the other subjects' teachers the incidence was between 10 to 20 years of professional experience. The Physical Education teachers present lower levels of the Burnout syndrome than the other subjects' teachers, and that difference may be related to different work environment and the higher practice of physical exercises.

Key words: Worker's health, teacher, teacher's health, Burnout Syndrome, stress.

¹Graduada em Educação Física – PUCPR.

²Doutorando em Psicologia. Curso de Psicologia da PUCPR e da FEPAR.

³Doutora em Psicologia pela USP. Curso de Psicologia da PUCPR

Introdução

Doenças do trabalho referem-se a um conjunto de danos ou agravos que incidem sobre a saúde dos trabalhadores, causados, desencadeados ou agravados por fatores de risco presentes no local de trabalho. Manifestam-se de forma lenta, insidiosa, podendo levar anos, às vezes até mais de vinte (Brasil, 2001).

Segundo Geara e Villatore (2006), o estresse e outros transtornos mentais também podem ser doenças do trabalho, pois são respostas do organismo a uma situação de ameaça, tensão, ansiedade ou mudança, relacionadas ao trabalho. De acordo com Selye (citado por Benevides-Pereira, 2002), estresse é: “o estado manifestado por uma síndrome específica que consiste em todas as mudanças não específicas induzidas dentro de um sistema biológico”

Existem três fases no processo do estresse, as quais Benevides-Pereira (2002) descreve como: reação de alarme que é a fase em que o organismo é exposto ao agente estressor, após o contato inicial o organismo pode assimilar e desconsiderar o agente estressor e voltar ao estado normal ou o organismo continua sendo afetado pelo agente, iniciando a etapa de resistência em que o organismo tenta adaptar-se ao agente estressor, caso o agente não seja eliminado inicia-se a etapa de esgotamento em que o organismo volta a combater o agente estressor, entretanto com muito mais ênfase, levando o organismo à exaustão.

Entre os outros transtornos mentais que afetam os trabalhadores pode-se citar a Síndrome de *Burnout*. Na língua inglesa, *Burn-out* significa traduzindo para o português, àquilo que deixou de funcionar por absoluta falta de energia, é uma metáfora para significar aquilo ou aquele que atingiu o seu limite e, por falta de energia, não tem mais condições de desempenho físico ou mental (Benevides-Pereira, 2002). Para a maioria dos pesquisadores, a Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional foi descrita pela primeira vez em 1974, pelo médico psicanalista Herbert J. Freudenberger, que, ao observar muitos dos voluntários com os quais trabalhava, constatou que eles apresentavam um processo gradual de desgaste do humor e/ou motivação (Guimarães e Cardoso, 2004).

Atualmente as leis brasileiras de trabalho já reconhecem esta síndrome, no capítulo sobre Transtornos Mentais e do Comportamento relacionados ao trabalho (Brasil, 2001), o Ministério da Saúde define Síndrome de Burnout como Sensação de estar acabado, e afirma que:

A sensação de estar acabado ou síndrome do esgotamento profissional é um tipo de resposta prolongada a estressores emocionais e interpessoais crônicos no trabalho. Tem sido descrita como resultante da vivência profissional em um contexto de relações sociais complexas. [...] o trabalhador que antes era muito envolvido afetivamente com os seus clientes, com os seus pacientes ou com o trabalho em si, desgasta-se e, em um dado momento, desiste, perde a energia ou se “queima” completamente (...).

O capítulo sobre Transtornos Mentais e do Comportamento relacionados ao trabalho (Brasil, 2001) ainda afirma que esta síndrome afeta principalmente profissionais da área de serviços ou cuidadores, quando em contato direto com os usuários, como os profissionais da educação, saúde, policiais, assistentes sociais, agente penitenciários, professores, entre outros. Ao analisar a produção científica sobre a Síndrome de *Burnout* no Brasil, Carlotto e Câmara (2008) apontam os professores e os profissionais de saúde como sendo os profissionais mais pesquisados.

Existem três dimensões do Burnout:

Exaustão Emocional que é a sensação de esgotamento tanto físico quanto mental, sentimento de não ter mais energia para nada, atingir o limite das possibilidades; Despersonalização que consiste em alterações na personalidade do indivíduo, torna o profissional mais frio e impessoal com os usuários de seus serviços, torna-se cínico, irônico e indiferente aos demais, e a Baixa Realização Profissional que é o sentimento de insatisfação com as atividades laborais, fracasso profissional, é comum o profissional apresentar ímpetos de abandono de emprego. Estas dimensões são relacionadas, mas independentes (Lara e Amorim, 2001).

Segundo Carlotto (2002, p.25) a Síndrome de Burnout em professores pode ser entendida como:

Um fenômeno complexo e multidimensional resultante da interação entre aspectos individuais e o ambiente de trabalho. Este ambiente não diz respeito somente à sala de aula ou ao contexto institucional, mas sim a todos os fatores envolvidos nesta relação, incluindo os fatores macrossociais, como políticas educacionais e fatores sociohistóricos.

Slegers (citado por Carlotto, 2002) afirma que é importante considerar as características do trabalho dos professores. Analisando as características de trabalho do professor de Educação Física, pode se identificar as diferentes características de sua prática profissional: trabalha predominantemente ao ar livre, está mais próximo de seus alunos e enfrenta a precariedade e escassez de materiais.

Benevides-Pereira (2002, p. 45) informa que existem diferenças entre o estresse e o Burnout:

O Burnout é a resposta a um estado prolongado de estresse, ocorre pela cronificação deste, quando os métodos de enfrentamento falharam ou foram insuficientes. Enquanto o estresse pode apresentar aspectos positivos ou negativos, o Burnout é sempre negativo (distresse). Por outro lado, o Burnout é relacionado ao mundo de trabalho.

O objetivo desta pesquisa foi analisar a incidência da Síndrome de Burnout em professores de Educação Física e comparar com os professores de outras disciplinas, exercendo suas atividades na Rede Municipal de Ensino de Curitiba.

Método

Amostra

A população estudada na pesquisa foi composta por 649 professores de Educação Física e 7331 professores de outras disciplinas do quadro efetivo funcional da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, atuantes no 1º e 2º ciclo do Ensino Fundamental. Para o cálculo do tamanho da amostra utilizou-se o modelo para cálculo do tamanho mínimo da amostra de Barbetta (2002), o erro amostral tolerável foi definido em 10% para cada subgrupo populacional, o que resultou em uma amostra com 87 professores

de Educação Física e 99 professores de outras disciplinas. Os critérios de exclusão consistiram em trabalhar exclusivamente com trabalho administrativo na escola, ter sido afastado por motivos de saúde nos últimos 12 meses anteriores a realização da pesquisa e não responder a todas as questões do questionário.

Instrumentos

Para o levantamento de dados foram utilizados três instrumentos de auto-informes:

1) MBI – *Maslach Burnout Inventory*. Traduzido e validado por Benevides-Pereira (2002) do NEPASB – Núcleo de Estudos e Pesquisas avançadas da Síndrome de Burnout. Trata-se de um questionário com 22 itens, onde o sujeito avaliado, responde com uma frequência de 6 graus, isto é, frente a cada um dos itens, indica-se o grau de intensidade ou frequência, variando de (7) totalmente em acordo a (1) totalmente em desacordo. O MBI é composto por três sub-escalas que avaliam desgaste emocional, despersonalização e baixa ou reduzida satisfação pessoal (Amorim, 2000).

2) ISSL (Inventario de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp). O ISSL se constitui de uma lista de sintomas físicos (ex: boca seca, tensão muscular, formigamento das extremidades) e psicológicos (ex: dúvidas quanto a si mesmo, aumento súbito de motivação, perda de humor) divididos em três quadros (Lipp & Guevara, 2004). Baseia-se no modelo trifásico de Selye sendo que cada quadro corresponde a uma das fases do modelo. O respondente deve indicar primeiro quais os sintomas do quadro que experienciou nas últimas 24 horas. A seguir deve assinalar, os sintomas que sentiu na última semana dentre os apresentados no quadro 2 e finalmente deve assinalar, dentre os sintomas físicos e psicológicos do quadro 3, os quais experienciou no último mês. O ISSL permite diagnosticar se a pessoa tem stress, em que fase do processo se encontra (alerta, resistência e exaustão) e se sua sintomatologia é mais típica da área somática ou cognitiva (Lipp, 1996 ; Calais, Andarde & Lipp, 2003)

3) Um questionário de informações pessoais composto por 7 questões fechadas de múltipla escolha. Contemplando aspectos relativos a : faixa etária, sexo, disciplina que ministra, tempo de experiência no magistério, estado civil, escolaridade e horas trabalhadas por semana.

Procedimentos

Os questionários foram entregues aos professores durante o horário de aulas e em cursos de capacitação e devolvidos diretamente aos pesquisadores. Após a coleta, foi realizada uma análise quantitativa dos dados obtidos através dos questionários utilizando o programa estatístico SSPS v.15.0.

Foram observadas as orientações do Comitê de ética em Pesquisa da PUCPR, protocolo n. 2141, datado de 14 de dezembro de 2007, que aprovou o projeto. A coleta de dados foi iniciada após a aprovação do mesmo e realizada os esclarecimentos dos objetivos da pesquisa e ainda, assegurado o anonimato e confidencialidade das respostas.

Resultados e Discussão

Afirma-se que o *Burnout* é resultado de esgotamento, decepção e perda de interesse pela atividade de trabalho, que surge nas profissões que trabalham em contato direto com pessoas em prestação de serviço. No contexto educacional, o termo refere-se

aos professores que desacreditaram do próprio trabalho, ou que não tem mais esperança de melhoria de uma situação (Fante, 2007). Abaixo se encontra a tabela com os dados do perfil dos professores com a Síndrome de Burnout.

Tabela 1: Perfil dos professores com Síndrome de Burnout

VARIAVEIS	Frequência	%
Faixa Etária		
Até 30 anos	2	13,3
De 31-40 anos	10	66,7
De 41-50 anos	1	6,7
Acima de 51 anos	2	13,3
Total	15	100
Disciplina		
Educação Física	3	20
Outras	12	80
Total	15	100
Experiência		
5-10 anos	4	26,7
10-15 anos	5	33,3
15-20 anos	4	26,7
Mais de 20 anos	2	13,3
Total	15	100
Estado Civil		
Solteiro(a)	1	6,7
Casado(a)	10	66,7
Divorciado(a)	4	26,7
Outros	0	0
Total	15	100
Grau de Escolaridade		
Superior Completo	6	40
Especialização	9	60
Mestrado	0	0
Total	15	100
Horas Trabalhadas por Semana		
Até 20 horas por semana	1	6,7
De 21-40 horas por semana	11	73,3
Mais de 41 por semana	3	20
Total	15	100

Analisando separadamente os dois grupos de professores, encontrou-se que professores de outras disciplinas apresentam maior incidência de *Burnout* quando comparados aos professores de Educação Física.

A faixa etária que mais concentra professores doentes é entre 31 a 40 anos, assim como em professores com estresse, não existe um consenso na literatura sobre a correlação ou não entre faixa etária e a Síndrome de Burnout. Entretanto, sabe-se que não é exclusivamente a idade que determina a propensão ou não à doença, fatores como tempo de experiência na profissão, o amadurecimento pessoal e personalidade afetam diretamente esta relação. Entretanto, Benevides-Pereira (2002) afirma que professores com idade até 30 anos apresentam maiores chances de desenvolver a doença, devido a pouca experiência profissional, insegurança ao desempenhar a função e o choque da realidade do trabalho. Este é o quadro que apresentam os professores de Educação Física com Burnout, pouco tempo de experiência (5 a 10 anos) e idade entre 31 e 40

anos. Entre os professores de outras disciplinas, há uma distribuição entre as faixas de experiência profissional, os professores que apresentam Burnout têm entre 5 e mais de 20 anos de profissão. Este dado conflita com autores que afirmam que o Burnout ocorre no início da carreira e acarreta o afastamento ou abandono da profissão, restando apenas os profissionais mais resistentes e teoricamente apresentariam menores índices da doença. (Elvira e Cabrera, 2004)

Em relação ao gênero, foi observado que apenas um homem apresentou Burnout, tal fato pode ser explicado pela diferença de personalidade entre homens e mulheres e fatores culturais. Mulheres exprimem melhor suas emoções, suas dificuldades e conflitos, enquanto o sexo masculino não tem estas habilidades e acabam guardando tais sentimentos e muitas vezes acabam liberando-os de forma inadequada (Benevides-Pereira, 2002). Outro fator que tem influência nos resultados é a profissão e a questão de gênero, o magistério é uma profissão tradicionalmente feminina (Maslach, Schaufeli e Leiter; Schaufeli e Enzmann, citados por Benevides-Pereira, 2002).

Os resultados apontam que os profissionais casados apresentam maiores índices de *Burnout*, entre os solteiros, apenas um professor apresentou *Burnout*. Professores divorciados também apresentaram uma quantidade significativa de professores doentes, pode-se inferir que esta relação com o estresse é gerado pela readaptação e pelo fim de uma relação estável.

Entre os professores de Educação Física que apresentaram a Síndrome de *Burnout*, todos possuem especialização, já entre professores de outras disciplinas metade tem apenas o superior completo e a outra metade possui especialização, Benevides-Pereira (2002) afirma que quanto maior o nível educacional, maior é a propensão para o *Burnout*, a dimensão da doença que mais é influenciada por esta variável é a Realização Profissional, devido às responsabilidades impostas aos indivíduos com maior escolaridade, grande expectativa e também ao suposto *status* e reconhecimento que algumas profissões gozam, ou gozavam, como é o caso da educação.

O número de horas trabalhadas por semana está diretamente ligada à sobrecarga de trabalho, diversos autores afirmam que a sobrecarga é uma das variáveis mais predisponentes ao *Burnout*, tal sobrecarga esta relacionada tanto a quantidade quanto a qualidade de demandas, ultrapassando a capacidade de desempenho, seja por causas técnicas, tempo, ou infra estrutura organizacional. Os resultados apontam que os professores de Educação Física afetados pelo Burnout, 66,7% trabalham mais de 41 horas por semana, ou seja, mais de três turnos diários, sem contar as horas gastas com tarefas domésticas e trabalho levado para casa, como correção de provas e trabalhos escolares; entre os professores de outras disciplinas, a carga horária que concentra o maior número de professores com Burnout é entre 21 e 40 horas por semana.

Em 2003 a academia de Inteligência realizou um estudo sobre a qualidade de vida do educador, com amostragem de 980 professores de escolas de ensino médio e fundamental, das quais 90% eram escolas públicas de São Paulo e Paraná. Os resultados mostraram que 91% dos professores estudados apresentaram três ou mais sintomas de estresse e 41% dez ou mais, ou seja, os professores estão doentes e quase a metade não esta em condições de exercer sua profissão com qualidade e dignidade. (Fante, 2007).

Benevides-Pereira, Yaegashi, Alves e Lara (2008) analisando a Síndrome de Burnout em professores Paranaenses, também encontraram que 43,3 % dos professores pesquisados apresentavam elevados níveis de exaustão emocional.

Em Campo Grande, os professores representam a categoria que mais busca ajuda psicológica, e a maioria dos professores tem entre 38 e 40 anos e trabalham no ensino fundamental (Fante, 2007). O professor está doente em todo mundo, mesmo em países

ditos desenvolvidos os índices de estresse são bastante altos e conseqüentemente há uma dificuldade para formar futuros docentes.

Nosso estudo mostra os mesmos problemas na educação municipal de Curitiba, há cada vez menos professores com menos de 30 anos, ou seja, recém formados, e os professores mais antigos estão doentes; prevalecendo os sintomas físicos, tais manifestações vão desde problemas gastrintestinais, passando por queda de cabelo, diminuição ou aumento de diversos hormônios o que ocasiona desde quadros depressivos, distúrbios alimentares, aumento da pressão arterial e em alguns casos pode causar infartos. A produção de linfócitos T e B diminuem a eficiência do sistema imunológico deixando o paciente sujeito à doenças infecciosas (Fante,2007).

A experiência profissional, como já foi discutida anteriormente, não é um fator determinante para o surgimento ou não de transtornos mentais nos professores, em nosso estudo encontramos a maioria dos professores estressados com faixa etária entre 31 e 40 anos de idade e entre 10 e 15 anos de experiência profissional (Elvira e Cabrera, 2004).

Quanto ao estado civil também não existe consenso na literatura, Benevides-Pereira (2002) e Elvira e Cabrera (2004) trazem autores que atribuem ao casamento ou relacionamento estável, uma menor propensão ao *Burnout* e ao Estresse, enquanto outros autores afirmam não haver correlações entre a doença e o estado civil. Entretanto, os resultados obtidos mostram que entre os professores casados há uma maior presença de estresse. Este fenômeno pode estar relacionado ao conflito de papel, as mulheres desempenham o seu papel profissional ao mesmo tempo em que devem desenvolver competentemente o papel de mãe, mulher e esposa. (Limongi-França e Rodrigues, 1997).

O grau de escolaridade, segundo Benevides-Pereira (2002), tem relação direta aos níveis de estresse e *Burnout*, a autora afirma que pessoas com níveis educacionais mais elevados apresentam maiores índices das doenças; os resultados do nosso estudo vêm de encontro com tal afirmação, visto que entre os professores doentes, mais da metade possui o nível de especialistas.

Quanto à jornada de trabalho enfrentada semanalmente, a literatura afirma que a sobrecarga laboral esta intimamente relacionada com o cansaço emocional. Os resultados do estudo mostram que os professores afetados pelo estresse trabalham entre 21 e 40 horas por semana, ou seja, trabalham em dois turnos e muitas vezes em duas escolas. Aparentemente, isto não representa uma sobrecarga de trabalho, entretanto, considerando as horas gastas para o planejamento de aulas de qualidade, confecção de provas e suas correções, e o tempo de hora atividade, horário destinado à realização de tais tarefas e atendimento aos pais e alunos que é insuficiente para a quantidade de tarefas a serem cumpridas. O professor acaba levando trabalho para suas horas de lazer, trabalhando durante o fim de semana e feriados. Além disso, o número de alunos em sala de aula esta cada vez maior, em menores espaços e os alunos mais indisciplinados, fatores que geram excesso de trabalho também (Benevides-Pereira, 2002; Elvira e Cabrera, 2004; Gasparini, Barreto & Assunção, 2005)

Comparando os resultados entre professores de Educação Física e professores de outras disciplinas é possível observar que entre professores de Educação Física a fase de resistência é a predominante e entre professores de outras disciplinas a fase de exaustão. Outra diferença também é o tempo de experiência profissional, professores de outras disciplinas tem em sua maioria de 10 e 15 anos de experiência, já professores de Educação Física têm entre 5 e 10 anos.

Em termos absolutos, o fator de experiência pode estar relacionado ao grande número de concursos públicos que a Prefeitura Municipal de Curitiba realizou nos

últimos anos e a grande contratação de professores de Educação Física, entretanto, tais professores recém contratados apresentam altos níveis de estresse, contradizendo alguns autores que afirmam que os trabalhadores com experiência entre 10 e 15 anos apresentam maiores níveis de estresse (Benevides-Pereira,2002), enquanto outros autores afirmam que professores com menor experiência tentem a sofrer mais de estresse, devido à falta de habilidade adquirida nas faculdades e o não desenvolvimento de formas de enfrentamento adequadas à situação, ou ainda, fatores como a pouca idade (Oubiña,1995; Schaufeli,1999, citados por Benevides-Pereira,2002).

Conclusão

As relações entre trabalho e saúde são temas discutidos em diversas áreas profissionais, tais discussões são ocasionadas pelos altos índices de doenças causadas pelo trabalho, inclusive os transtornos mentais, que tornam os profissionais incapazes de executar suas tarefas e geram consideráveis gastos com tratamentos especializados (Fante,2007). Entre os professores tal situação não é diferente, estudos realizados no Brasil apontam que 48% dos professores sofrem algum sintoma da Síndrome de Burnout, um transtorno mental que originalmente acometia principalmente profissionais da saúde e atualmente tem o magistério como profissão de alto risco (Silva e Carlotto,2003).

Os dados obtidos nesta pesquisa revelaram que grande parte dos professores estudados apresentam sintomas de estresse e uma parcela destes profissionais sofrem com a Síndrome de Burnout além de sofrer com o estresse. Entre os professores de outras disciplinas, os índices de sujeitos com os dois transtornos mentais foram maiores, neste grupo também foi possível observar que a maioria dos professores que apresentam sintomas da Síndrome de Burnout, também apresenta sintomas de estresse, demonstrando uma correlação entre as duas doenças dentro de tal grupo. Este evento confirma que a Síndrome de Burnout é uma resposta ao estresse crônico.

Entre os professores de Educação Física, os níveis de estresse também foram altos, entretanto, houve uma menor incidência de professores com a Síndrome de Burnout, apenas três dos trinta professores que responderam os questionários apresentaram a doença. Indicando uma baixa correlação entre as duas doenças neste grupo.

Tais diferenças quanto à incidência da Síndrome de Burnout entre os grupos responde ao problema proposto pelos pesquisadores, e confirma a diferença na incidência da Síndrome de Burnout entre professores de Educação Física e professores de outras disciplinas. Tal diferença pode estar relacionada tanto aos fatores pessoais como as variáveis de personalidade: *hardness*, padrão de personalidade tipo A, variáveis do 'Self', estratégias de enfrentamento, tipo emocional, entre outras; quanto às características do trabalho: o tipo de ocupação, tempo de profissão, relação profissional-cliente, entre outras. (Benevides-Pereira, 2002)

Entretanto, são necessários estudos específicos para a identificação das variáveis que aparentemente tornam os professores de Educação Física menos suscetíveis a este transtorno mental e os fatores que ocasionam um alto índice de professores de outras disciplinas. Provavelmente estudos de caráter epidemiológico, ou que busquem lançar luzes sobre a prevenção possam contribuir para ampliar as leituras e o entendimento da saúde dos professores.

Referências Bibliográficas

- Amorim, C. (2000) Síndrome de *Burnout* em acadêmicos de fisioterapia: um estudo preliminar. Fisioterapia em Movimento, 13(1)129-136.
- Barbetta, P. A. (2002) Estatística aplicada às ciências sociais. (5ª ed rev.) Florianópolis: Ed. da UFSC.
- Benevides-Pereira, A.M. T. (2002) *Burnout : Quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Benevides-Pereira, A.M.T.; Yaegashi, S.F.R; Alves, I.B. & Lara, S. (2008) O trabalho docente e o Burnout: Um estudo em professores paranaenses. Em *Anais do VII EDUCERE e III CIAVE*, (p.4870- 4884) Curitiba, PUCPR.
- Brasil.(2001) Ministério da Saúde. *Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Calais, S. L.; Andrade, L.M.B. & Lipp, M.E.N. (2003) Diferenças de sexo e escolaridade na manifestação de *stress* em adultos jovens. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 16(2).
- Carlotto, M. S. (2002). A síndrome de Burnout e o trabalho docente. *Psicologia em Estudo*, 7(1), 21-29.
- Carlotto , M.S. e Câmara, S.G. (2008) Análise da Produção científica sobre a Síndrome de Burnout no Brasil. *Psico*, 39 (2), 151-158.
- Elvira, J. A. M. & Cabrera, J. H. (2004). Estrés y burnout en profesores. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 4 (3), 597-621.
- Fante, C. (2007) Doenças do Professor. *Revista de Educação AEC*, 36 (142), 66-77.
- Gasparini, S.M.; Barreto, S.M. & Assunção, A. V. (2005). O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educação e Pesquisa*, 31(2), 189-199.
- Geara D. L. & Villatore, M.A C. (2006). *As doenças ocupacionais e suas repercussões nas relações de emprego*. Monografia não-publicada. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba.
- Guimarães, L.A.M., Cardoso & W.L.C.D.(2004) Atualizações sobre a Síndrome de Burnout. Guimarães, S.G. (org) *Série Saúde Mental e trabalho*.(43-61) São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lara, S. e Amorim, C (2001) The Burnout Syndrome on Mental Health Care Professionals. In *The European Congress On Work and Organizational Psychology*, Praha, Czech Republic.
- Limongi-França, A. C; Rodrigues, A.L.(1997) *Stress e trabalho: guia básico com abordagem psicossomática*. São Paulo: Atlas.

Lipp, M. N.(1996). *Pesquisas sobre stress no Brasil: saúde, ocupações e grupos de risco*. Campinas: Papirus.

Lipp, M. E. N. & Guevara, A. J. H. (1994). Validação empírica do Inventário de Sintomas de Stress (ISS). *Estudos de Psicologia*, 11(3), 43-49.

Silva, G. .da e Carlotto, M. S.. Síndrome de *BURNOUT*: Um estudo com professores da rede pública. *Psicologia Escolar e Educacional* 7(2), 145-153.Obtido em 03 Agosto de 2007 do World Wide Web: <http://www>.

Endereço para correspondência:

Fhairus Julielen Valério

Rua: Eduardo Kirylla,24

Bairro: Boqueirão, Curitiba - PR

CEP 81770-160

Recebido em 30/12/2008.

Aceito para publicação em 15/02/2009.